

## **O NATAL E A TRADIÇÃO**

O Natal é uma das épocas mais populares que envolve a nossa tradição, pois de geração em geração o passado é como uma espécie de legado, que nos é deixado pelos nossos avós e pais, que, passando por nós, chega aos nossos descendentes; ou seja, abarca, em simultâneo, o saber do passado, trazido ao presente e no futuro projetado, no papel dos nossos jovens, que não esquecessem os momentos simbólicos das “missas do parto”, que precedem o Natal e que servem de preparação para este, representando os nove meses de gestação de Jesus Menino. No final, é servido o habitual cacau quente e o pão caseiro, em simultâneo com as cantorias que invocam a chegada do Natal.

Aprendi o que era o Natal, quando comecei a compreender o sentido das coisas, ao presenciar e vivenciar o que os meus avós e os meus pais faziam. Ainda de tenra idade, para mim, foi um gesto de felicidade colocar uma casinha no presépio; mais feliz fiquei, quando, nos braços do meu pai, coloquei uma estrela no alto do pinheiro. E o cheiro!... A nossa casa cheirava à doçaria tradicional e aos licores, multicores, com os seus vários odores, não esquecendo o vinho Madeira e o bolo de mel, saídos das sábias mãos da minha avó e da minha mãe.

E eu olhava e aprendia. Lá estava o Pai Natal na base da chaminé e os meus olhos brilhavam fixados no saco que ele trazia a tiracolo, com os presentes a distribuir na altura aprazada e toda a magia que esses momentos representavam. Mas popular, popular, e que convém sempre lembrar é “a noite do mercado”, com os seus cantares, não deixando que a noite se perca no tempo, com o seu cheiro habitual a carne de vinho e alhos e a insubstituível poncha, feitos no momento, para contentamento de quem usufrui.

É uma noite descontraída, animada, uma verdadeira mostra dos produtos regionais, produzidos, durante o ano na Região, dos quais se destacam as frutas, como a tangerina, a anona, dando o sentido devido a este evento, não esquecendo a saborosa canja, feita com galinha caseira. Não seria revéspera de Natal, sem o famoso grupo crente da nossa religião, que entre rezas e cantares, chegam, através dos meios de comunicação, a todo o Mundo, para desejar a todos um bom Natal. Não posso deixar passar as tradicionais “cabrinhas”, o alegre campo e o típico amarelo dos junquinhos, com o seu irresistível aroma, que vão enfeitar o presépio.

E, num rodopiar de sensações, viajamos no tempo, passando pelo fim de ano, com o fogo de artifício, seguindo-se a festa dos Réis, com o tradicional bolo rei e o Santo Amaro com a simbólica limpeza dos armários, e as visitas pelas casas amigas, despedindo-se, assim, desta época natalícia por mais um ano.

**A EQUIPA DA BIBLIOTECA**